

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

## A Heitor d'Almeida

Lemos, com comovida atenção, as palavras que em "A Razão," nos dirige o bom, sincero e leal republicano que é Heitor d'Almeida.

Temos a consciência de que o nosso pensamento é o mesmo; sómente Heitor de Almeida, no seu idealismo sonhador, não repara nos vis rancores que lhe andam por tão perto, e só censura em nós um palido reflexo, em que, aliás, sempre procuramos não sair da correcção, das ondas de lama com que, tantas vezes, do seu lado, nos tem procurado atingir.

E, no entanto, se Heitor d'Almeida, se desse ao cuidado de voltar a pagina, onde estão reproduzidas as suas considerações, que nós reconhecemos originadas na mais pura dedicação republicana e na mais leal das intenções, teria de ver, com tristeza e repulsão, como, em linguagem que seria de arriero se não fosse de taberna, se atraíam os princípios que H. d'Almeida defende.

Não quer lutas entre republicanos, censura-nos porque estamos numa arena de combate e não leva em conta que nunca aqui saiu o ataque, que só nos temos defendido, ripostando sim, com vigor, mas dentro da verdade e da correcção, servindo-nos ou aproveitando-nos das próprias armas que o adversário, em abundância, nos fornece.

Saiu "A Razão," há cerca de quatro anos, na melhor das intenções, temos de o acreditar pela parte que diz respeito a H. d'Almeida, de fazer a defesa e a propaganda da Republica em Guimarães.

Essa intenção era logo, porém, atraçoada nos seus primeiros números em que, impiedosamente, se começou combatendo o P. R. P.

De tal forma e com tal insistência que, tendo reunido a Comissão Municipal do Partido, e reconhecendo que não fazia sentido que fôssem os nossos correligionários que, com as suas assinaturas, estivessem sustentando um jornal que só servia para os guerrear, resolveu, por unanimidade, que se aconselhasse a sua devolução a todos os que pertencessem, ao nosso credo político.

Era natural que quem tinha de dar execução a esta deliberação começasse por a executar por si próprio. Daí a devolução a que se refere H. d'Almeida, que não foi seguida de outras,

porque na deliberação se suston por motivos que só interessam à nossa vida interna partidaria.

Nunca "A Razão," teve palavras de simpatia para o nosso Partido, por muitas vezes nos atacou, sem razão alguma, servindo-se de informações erradas que, facilmente, poderia rectificar, mas que recebia, com evidente prazer, sem indagar da sua veracidade, só porque lhe serviam de pretexto para nos anavallar.

"A Razão," fez-se, diz H. de Almeida, para prestigiar a Republica em Guimarães. E, — cega ilusão! — as suas colunas tem servido de vasadouro a quantas escorrencias caluniosas, infamantes, criaturas que enjam, lá tem depositado, contra republicanos honrados a cuja mão a mão honrada de H. d'Almeida nunca se negou.

E' para haver união entre republicanos que assim se procede? E' assim que se demonstra que devemos evitar as lutas entre nós? E' "A Velha Guarda," que nunca apodou nem apodará quem quer que seja, caluniosamente, de gatuno, que provoca sem escrupulo a desunião?

Apelamos para a consciencia honrada de H. d'Almeida. Analise, friamente, os factos, com verdadeira imparcialidade, e não será a nós que terá de condenar.

Da nossa parte nunca houve provocação; se, num humano gesto de defeza, se pensou em devolver o jornal, essa ideia não perdurou e deve considerar-se bem compensada pela boa vontade que sempre temos demonstrado no auxilio material que á "Razão," nunca negamos sempre que nos tem sido solicitado.

Entende H. d'Almeida que é anti-democrática e anti-social a luta entre republicanos, de que dissemos não nos arrecear, num dos nossos ultimos números.

Provavelmente a sua discordancia provém de não ter atendido a que especie de luta nos queriamos referir. A luta que entendemos não prejudicar a Republica e que não queremos evitar, é justamente aquela que se deve estabelecer entre os que, tendo como simples finalidade "o bem da Patria e da Republica," a quem ou supoem melhor atingir por caminhos diferentes.

E' essa a luta que não nos intimida nem temos que evitar. E' nesse campo que desejamos estar e donde não queríamos que nos desviassem.

Mas, se do escuro da encruzilhada nos relampeja uma navalha, não havemos de a sacudir a pontapé?

H. d'Almeida, que veste, com brio e com glória, uma farda, tem que estar connôco.

Queremos também que sôb a bandeira da Republica tódos os republicanos estejam unidos e amigos. Não provocaremos, nunca provocamos. Consiga H. d'Almeida, se para isso se sente com forças, correcção, verdade e decência do lado donde nos fala, e daqui, sem abdicarmos do direito de legítima critica, se responderá por forma que não terá de nos censurar.

E pela República sempre, em tódos os campos e sem condições, nos encontrará.

## Imbecilidade

Não queremos responder ao artigo que "A Razão" publica no seu penúltimo número, insultando-nos, como sempre costuma, no seu louvavel e comovedor intuito de não guerrear republicanos, por termos verberado a desgraçada e tola ideia de se desalojar a Escola Industrial e Comercial para, nas suas instalações, se montarem cavalariças. Esse encargo quiz assumi-lo o autor das considerações que fizeram espiontear o articulista de "A Razão" e noutro lugar deste número dêle se desempenha.

Aquí, desejamos, sómente, chamar a atenção do público vimaranense para a forma, verdadeiramente imbecil, com que o pobre articulista se refere a uma Escola, onde êle tanto teria que aprender, se a sua capacidade intelectual lhe permitisse concorrer ao respectivo exame de admissão.

Não há só maldade e mentira nas baboseiras a que nos referimos. Há, sobretudo, imbecilidade.

## Caminho de ferro do Vale do Ave

Uma verdadeira ansia de progresso domina presentemente o Norte do País. Todas as cidades e vilas procuram com alicão fomentar as suas riquezas regionais e lutam unidas para facilitar os seus meios de ligação. Assim é que, diariamente, estamos a ter conhecimento de novos trabalhos, constantes insistências junto dos poderes públicos para o alargamento das redes ferro viárias. Viana do Castelo reclama a construção da linha ferrea do vale do Lima; Braga pugna pela viação acelerada do vale do Cávado. E todos, para justificar a razão que lhes assiste, apregoam as riquezas das respectivas regiões que os dois rios, docemente, veem banhando. Se seguirmos o mapa geográfico de Portugal, encontramos imediatamente, abaixo do Cávado, um outro rio, cujas belezas naturais tem inspirado os melhores escritores portugueses e fornecido telas admiráveis e em cujas margens vicejantes assenta uma riqueza que ultrapassa os vales do Li-

ma e do Cávado. E todavia êle vive tão esquecido que mais parece um insignificante regato que o sol estival absorve com o seu calor. Referimo-nos ao nosso lindo Ave, que é necessário trazer à onda do progresso que envolve os vales dos dois rios, ao Norte.

E' o rio Ave a grande fonte de energia de muitas e colossais fabricas; é o Ave o alimentador de fertilísimos campos onde a agricultura tem extraordinária utilidade e apreciável desenvolvimento; é o Ave a grande alavanca fomentadora de um intenso comércio. Desde as suas primeiras nascentes até ao ponto extremo do seu lançamento no Oceano, o Ave constantemente vem distribuindo energia, dando vida e alento. E se em toda a parte êle é notável, como nenhum outro, pela sua acção produtora, para Guimarães, mais importante se torna. O concelho de Guimarães recebe do Ave a energia para muitas das suas melhores fabricas e todo o vale deste precioso rio é uma caudalosa, fonte de riqueza agrícola. Mas não são só os campos luxuriantes do vale do Ave, nem só as energias que distribue no Concelho de Guimarães que o tornam digno da nossa apreciação. Já fora dos limites do concelho de Guimarães o Ave tem um papel preponderante na riquíssima zona cerealífera da Povoia de Lanhoso e Vieira e no colosso industrial de Riba d'Ave. Porque não há-de pois seguir-se o exemplo de Viana e Braga e fomentar o progresso do riquíssimo vale do Ave, fazendo-o percorrer por uma linha ferrea? Não é preciso muito tempo de estudo para se poder afirmar que o vale do Ave compreendido entre a confluência do rio Vizela e os limites do Concelho da Povoia de Lanhoso é o mais industrial do Paiz e constitue a melhor zona cerealífera e vinhateira do Minho. O que é preciso é reconhecer-lo em factos, pugando pela rápida construção de uma linha ferrea que, partindo da estação de Caniços na linha de Guimarães, segue á margem direita do Ave até á Povoia de Lanhoso, servindo os centros industriais de Riba de Ave Pevidem, Ronfe, Campelos, passando nas Taipas, onde não só encontra o movimento termal, mas ainda o melhor centro produtor de vinho e cereais do concelho de Guimarães. Esta rede ferro-viária, regularmente servida por estradas que em todos os pontos industriais e agrícolas lhe dão acesso pode, sem receio, afirmar-se que será a de maior receita entre todas as linhas ferreas do Paiz. E se não esquecermos que ela facilmente fica ligada ao porto de Leixões, á cidade de Guimarães e vila de Famalicão, teremos visto de um golpe o colosso que ela deve tornar-se e as suas enormíssimas vantagens para o nosso comércio, para a nossa industria, para a nossa agricultura.

Vimaranenses, todos unidos, num só esforço, em um só brado, com toda a energia, com toda a dedicação, trabalhemos para a imediata construção da linha ferrea do vale do Ave.

## Foi de "borla,"

Diz o órgão comissionista que não passa de uma torpe cantiga a afirmação que fizemos de que dos cofres municipais foi levantada a quantia de Esc. 1:050.000, para pagamento da despesa com a primeira viagem a Lisboa do presidente da Comissão Administrativa, acompanhado ou não pelo sr. Guilhermino Rodrigues.

Se êste sr. commissário deixou de fazer a viagem, por ter adormecido ou por qualquer outro motivo, isso pouco importa.

O que importa é que a torpe cantiga não é nossa. E' dos documentos officiais existentes na Câmara.

Torpe cantiga é a deliberação que consta da acta de 18 de Agosto nos termos seguintes: «Comissão para ir a Lisboa. Resolveu nomear o Ex.<sup>mo</sup> Presidente e o vereador sr. Guilhermino Rodrigues para... irem pessoalmente a Lisboa representar» etc.

Torpe cantiga é a deliberação que consta da mesma acta e que é do teor seguinte: «Autorisou os seguintes pagamentos: ... Ao Presidente, despesa com a representação official a Lisboa Esc. 1:050.000.»

Torpe cantiga é ter a Secretaria processado a respectiva ordem de pagamento, que foi redigida nos mesmos termos da deliberação.

Torpe cantiga foi ter o referido sr. Presidente assinado a ordem e cobrado o dinheiro.

Tudo isto será torpe cantiga, mas não somos nós autores dela. Mas, diz mais, o presado colega defensor da Comissão, que, com êsse dinheiro, pagou o sr. Presidente uns selos na Casa da Moeda.

Não pode sêr. Esses selos foram pagos por meio de duas ordens de pagamento a favor do sr. Dr. Eduardo de Almeida, uma de Esc. 611.065 e outra de Esc. 506.060.

O que a "Razão," por certo, desejava dizer, é que o sr. Presidente, depois das observações feitas por nós, mandou inserir noma acta o seguinte: «Mais declarou que conquanto fôsse levantada da verba de representação da Câmara a quantia de Esc. 1:050.000, esta importância era destinada á selagem das obrigações... Propunha, então, que visto na Casa da Moeda não se ter feito a selagem dos titulos, durante a sua estada em Lisboa, se anulasse a mesma ordem de pagamento.» Assim é que é.

## Secretário de Finanças

Tomou há dias posse do lugar de Secretário de Finanças, deste concelho, o sr. Amadeu Barreiros, para aqui transferido do concelho de Viana do Castelo.

A' posse, que lhe foi dada pelo nosso presado amigo sr. Francisco Baptista Coelho da Silva, assistiram muitos cavalheiros amigos de S. Ex.<sup>ta</sup>.

F. T.

